

Lugares de memória das religiões de matriz africana em Vitória da Conquista-BA

Alexandre Garcia Araújo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: Xando.adv@gmail.com

Cláudio Eduardo Félix dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: claudio.felix@uesb.edu.br

88

Palavras-chave: Religiões de Matriz Africana. Lugares de Memória. Vitória da Conquista

INTRODUÇÃO

Vitória da Conquista é uma cidade que alcança baixíssimas temperaturas, e costuma ser chamada de Suíça Baiana. Todavia, nos parece que essa designação não encontra amparo somente nas condições climáticas, mas também numa constante tentativa de europeização da cidade, de apagamento de suas raízes indígenas e negras, de afastamento do nordeste (e do restante da Bahia) e de aproximação geográfica do sudeste brasileiro. É muito comum ouvir que “Conquista é quase Minas”, e como consequência disto, também é comum se ouvir que Conquista é uma “cidade mais branca que o restante da Bahia”.

Este fato traz uma série de consequências, como a invisibilização da cultura e presença afro-brasileira e indígena na cidade, o que reverbera nas tímidas políticas de memória sobre as religiões de matriz africana. Tem-se como objetivo apresentar, de forma crítica, os lugares de memória oficiais sobre o Povo de Santo existentes em Conquista.

METODOLOGIA

Este resumo é parte da discussão realizada na Tese de Doutorado intitulada “Quando o Racismo Religioso dói no bolso: Memórias das lutas do Povo de Santo pelo

Realização:



Apoio:



direito à imunidade tributária em Vitória da Conquista-BA”¹. Utilizando uma abordagem qualitativa, observou-se o fenômeno a partir de investigação de campo, documentos, legislações, matérias jornalísticas e revisão bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Único segmento religioso que no Brasil foi criminalizado por lei e reprimido pela polícia, as religiões de matriz africana resistiram e compõem o tecido social, exercendo influências diversas. Assim como todo fenômeno social e cultural, acaba por se reproduzir pela pólis, de forma objetiva e subjetiva, erigindo memórias individuais e coletivas. Disso resulta o que Pierre Nora categorizou como lugares de memória: documentos, monumentos, construções, homenagens que se configuram legitimadores da rememoração e valorização do passado; espaços onde a ritualização de uma memória-história pode ressuscitar a lembrança. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, porque essas operações não são naturais” (Nora, 1993, p. 12 - 13).

Os lugares de memória possuem caráter 1) material: onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; 2) funcional: pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão, adquirindo a função de alicerçar memórias coletivas; 3) simbólicos: onde a memória coletiva se expressa e se revela, ainda que tenha sido experimentado somente por um pequeno número de pessoas (Idem, p. 22). Esses lugares podem ser erigidos pela comunidade (individualmente ou coletivamente) ou pelo Estado, momento em que se tornam “políticas de memória”, sendo parte integral do processo de construção de identidades coletivas

A política da memória se torna parte do processo de socialização política, buscando ensinar às pessoas como perceber a realidade e assimilar ideias e opiniões. Memórias históricas e lembranças coletivas podem ser instrumentos para legitimar discursos, criar fidelidade e justificar ações políticas (Brito, 2009, p. 72).

Diante da importância desses lugares e políticas de memória, chama atenção o fato de que, diferente das outras grandes cidades da Bahia, que possuem grandes

¹ Tese defendida em março de 2024 no Programa de Pós Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da UESB.

monumentos de Orixás e outros elementos das religiões de matriz africana, Vitória da Conquista possui pouquíssimas referências oficiais alusivos ao candomblé e umbanda.

Vigiada pela escultura de 33 metros da altura, o “Cristo de Mário Cravo”, Conquista possui no centro da cidade uma “Praça da Bíblia” e uma “Praça dos Adventistas”, mas não há nenhuma obra arquitetônica das religiões afro-brasileiras. Os poucos lugares de memória oficiais que identificamos foram nomes de ruas e prédios públicos.

Mãe Vitória de Petu, forte liderança religiosa e cultural das Pedrinhas deu nome a uma Escola Municipal no bairro Cruzeiro, construída no início dos anos 1990. Sacerdotisa de um dos Terreiros mais antigos da cidade, era uma personalidade das mais respeitáveis na organização do carnaval de rua: “Sua aparição na rua causava frenesi entre o público geral, outros grupos lhe abriam passagem em sinal de respeito ou reverência, afinal, era Petú que ia descendo a rua”. (Silva, 2022, p.183).

O Bairro Alto Maron é um dos maiores e mais tradicionais da cidade. Composto de uma “parte baixa”, limítrofe ao centro, e uma “parte alta”, com características periféricas, este território que traz em sua história inúmeras ocupações urbanas e lutas das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, tem em seu DNA o candomblé. Pouca gente sabe, mas, segundo o célebre memorialista conquistense Mozart Tanajura, “existia no alto da serra um Terreiro de candomblé de um pai de santo vindo de ilhéus, chamado Maron, em torno do qual foram surgindo casas de morada, dando assim origem a um bairro, hoje oficializado como Bairro Alto Maron” (apud Aguiar, 2007, p. 92/93).

Já o Pai Zé Pequeno virou nome de rua. Classificado por Wanderlei (2012) como um curador sertanejo, era o líder espiritual do Terreiro conhecido como Congá de Nossa Senhora da Conceição. A Rua José Pequeno fica na divisa entre os bairros Jurema e Ipanema, exatamente no local onde funcionou o Terreiro e a sua casa de morada.

Dona Dió do Acarajé, “uma mãe sem Terreiro”, descendente de quilombolas da Lagoa de Maria Clemência é considerada a primeira baiana de acarajé da cidade. Imortalizada no samba enredo da União de São Vicente com “O samba da Dió”, também foi homenageada em espaço público por meio do painel do projeto “A Voz do Muro” - realizado com apoio da Prefeitura de Vitória da Conquista e do Governo do Estado da Bahia.

Leandro de Brito Santos era conhecido como Pai Leo de Ògún ou Tata Leo D'Nkosi. Figura muito conhecida por seus trabalhos sociais e espirituais, chegou a ser candidato a vereador em 2016. Em março de 2024 sofreu um AVC, e após a sua morte, a rua do seu Terreiro (Nzo Nkisi Roxi Mukumbi) foi renomeada, passando a se chamar oficialmente Rua Pai Léo de Ògún.

Mas é preciso refletir que, “ainda que possa haver uma importante carga de memória nos lugares, se não houver homens para lhe atribuir significado, a relevância desses lugares é, efetivamente, nula. Não há, em-si, nesses lugares, nenhuma consciência e nenhuma intencionalidade” (Santos, 2021, p 92/93). Em outras palavras, é necessário existir um ser social que traga significado, ou seja, afetado por aquele lugar de memória, só existindo memória se houver quem lembre. E por isso a importância de difundir e valorizar informações como essas, vez que, não basta o nome em um logradouro ou matérias em jornais: a memória social está sempre em disputa.

Como exemplo de uma “memória que se apaga” está a Festa de Cosme e Damião e um oratório com imagens dos santos, no Mercado Municipal Fernando Spínola. Jornais de 1977, registram a festividade, com presença de autoridades como o Prefeito, Vereadores e organizações como o Rotary e Associação Conquistense de Imprensa. (Jornal Tribuna do Café, 1977). Todavia, ao conversar com comerciantes do Mercado, e com pais e mães de santo antigos, a grande maioria nunca tinha ouvido falar dessa atividade, nem se lembram de imagens de Cosme e Damião no local.

CONCLUSÕES

Compreendendo que a memória está sempre em disputa, a ausência de lugares de memória oficiais e políticas de memória referentes às religiões de matriz africana na cidade de Vitória da Conquista-BA revelam que ainda há muito a ser feito para combater o racismo religioso.

Apesar de ser uma cidade com grande quantidade de Terreiros², diferente de Salvador (onde as grandes festas católicas são “divididas” com religiosos de matriz africana), em Conquista o Povo de Santo ainda é extremamente invisibilizado e

² Levantamentos extraoficiais dão conta de aproximadamente 200 tempos de candomblé, umbanda e quimbanda na cidade.

violentado, sendo “visto nas ruas” em alguns poucos eventos públicos, como a Alvorada dos Ojás, a Lavagem do Beco, e o recém criado Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. **Do púlpito ao baquiço: religiões e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2007.
BRITO, Alexandra Barahona de. Justiça Transicional e a Política da Memória: uma Visão Global. In: **Revista Anistia Política e Justiça de Transição / Ministério da Justiça**. – N. 1 (jan. / jun. 2009). Brasília: Ministério da Justiça, 2009.

JORNAL TRIBUNA DO CAFÉ, **Conquista faz a festa em louvor a Cosme e Damião**. Ano IV, n. 354, 28.09.1977. Arquivo da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, Caderno 24

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993.

SANTOS, Alexandre de Jesus. **Memória e ontologia do ser social: contribuições a uma teoria marxista da memória**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2021

SILVA, Alberto Bomfim da. **O Carnaval? “Ave Maria, era mil maravilha!”: trânsitos políticos e culturais das associações negras e mestiças de Vitória da Conquista**. Tese de Doutorado. UESB. Vitória da Conquista, 2022.

WANDERLEI, Ruddy Aquino. **Um curador sertanejo: memória e religiosidade afro-brasileira**. Dissertação de Mestrado. UESB - Vitória da Conquista, 2012.